

JANDIRA DE ALMEIDA FRANÇA

# A Volta Das Andorinhas

(Pequenas histórias)

CURITIBA, Primavera de 1963

## É DE NOVO SETEMBRO

Esse acontecimento não ficou na história, passou despercebido de todos, até mesmo dos mais chegados, mas para mim, a menina provinciana que na companhia do Pai embarcava no trem que pela primeira vez a levaria à Capital do Estado, foi, sem dúvida nenhuma, um grande acontecimento!

Só da viagem não gostei. Mas como gostar, se a velha locomotiva, além do enervante lamuriar, — **não agüento, não agüento, não agüento**... através de resfolêgos cardíacos durante oito horas cuspiu fogo no meu casaco novo de “drap”!?

Entretanto, o espetáculo da chegada em Curitiba apagou-me, de pronto, os sobressaltos da viagem: ainda em movimento, foi o trem tomado de assalto por um grupo de ho-

mens agitados que, como se não bastasse a gritaria com que faziam o reclamo dos hotéis, cujos nomes traziam bem legíveis nos bonés, afoitamente ofereciam aos passageiros cartões impressos com êsses mesmíssimos nomes, coisa, aliás, que meu espírito alemão de economia considerou desperdício! Contudo, fiz questão de receber de todos, para, na volta, ostentá-los aos meus irmãos...

Da cidade, foi a magnificência do Grande Hotel Moderno (Puxa! quantas vezes maior que o de “nhá” Bina!\*) o que mais me impressionou. O proprietário Zancheta recebeu-nos com alvoroço, achando-me parecidíssima com uma sobrinha dêle que vivia na Itália.

Após haver Papai penteado e trançado meus cabelos, tomamos café e fomos dar um passeio. E as luzes (Puxa! quantas luzes!) já se haviam acendido, quando voltamos ao hotel.

— Coisa mais linda, a Capital! — dizia eu, deslumbrada. Mas, ainda que sob tão forte impressão, à noite, antes de pegar no sono

---

(\*) Hotel de Rio Negro.



senti uma vaga nostalgia e, perscrutando a escuridão, perguntei:

— Papai, pra que lado fica Rio Negro?...

E Papai, que tão bem me compreendia, respondeu com muita brandura:

— Do lado do teu coração, minha filha!

Naquele tempo a questão de limites com Santa Catarina estava pegando fogo, e em Rio Negro não haviam sido poucos os comícios de protesto em que, segurando com outras meninas as pontas das Bandeiras do Paraná, tinha eu feito cântico que “só se apossariam de nossas terras depois de haverem passado sobre os nossos cadáveres!”

Por isso quando no dia seguinte ao almoço Papai me disse:

— Hoje você vai conhecer o Grande paranaense que tudo tem feito para evitar que nos tirem o pedaço do Estado — senti uma forte exaltação e me expandi num tremendo viva ao Paraná, em pleno salão de refeições.

Já no abraço que se deram, percebi a grande admiração de meu Pai por aquêlê homem alto, magro, narigudo e... feio...

— Desta vez trouxe uma das minhas caboclinhas para te conhecer, Romario — disse Papai, empurrando-me para o homem que, apoiando as mãos nos meus ombros, perguntou como me chamava e quantos anos tinha.

Informado, passou a informar:

— Pois eu sou Alfredo Romario Martins, chará aqui do teu Pai, de quem tenho também a mesma idade. — E, sorrindo, concluiu. — Só numa coisa não combinamos: é que sou muito mais bonito que êle...

Meu protesto a esta expressão (Nunca! o Papai é mil vêzes mais bonito...) foi de tal veemência e franqueza que provocou risadas e fêz com que Romario Martins visse nêle o merecimento a um prêmio. Então, da redação d' "A República", em cujo local foi feita a visita, levou-nos à Confeitaria Bube, onde me ofereceu um pacotão de moedas de chocolate... Depois jantou conosco no hotel e, ao se despedir, recomendou-me:

— Cresça para casar com meu filho!

Não cresci para casar com o filho, mas cresci para casar com o sobrinho, o que todavia quase não fêz diferença, em vista da grande afeição que os ligava.

E foi o Senhor mesmo, “seu” Romario, que, envergando fraque e cartola, num lindo dia de São José, solenemente subiu as escadas lá de casa — agora já em Curitiba — a fim de pedir minha mão para êle.

Foi testemunha do nosso casamento, no qual fêz um comovente discurso que provocou lágrimas... Depois, Padrinho de batismo de nossa primeira filha e testemunha de casamento das duas!

Ao receber, já bem doente, o último convite, disse-me quase chorando:

— Saiba, comadre, que mais esta prova de amizade e consideração que recebo da parte de vocês, me comove muito!

Também me emocionei e, procurando disfarçar, respondi em tom de brincadeira:

— E isso é porque só tivemos duas filhas. Já imaginou quanto Juiz teria o Senhor que enfrentar se, em vez de duas, fôsem vinte?...

Quando sua primeira afilhada cá de casa completou dois anos, o Senhor lhe ofereceu um trenzinho carregado de bombons, acompanhado dêsses delicados versos:



“Josy

Que mandar-te neste dia?  
Uma estrêla? Uma alvorada?  
Beleza? Graça, Meiguice?  
Tudo já tens e irradia,  
Minha menina adorada,  
De tua linda meninice!

Por isso, pensando bem,  
Afinal saí das teimas  
Escolhendo com carinho:  
Resolvi mandar-te um trem  
Carregando guloseimas  
E bênçãos, do teu

Padrinho.”

Mas o dia de seus anos, “seu” Romario, foi também sempre de muita alegria para toda a família. Nêle nunca faltou o grande almôço com a tradicional feijoada que, só pelo prazer de estar à sua volta, era encompridado o quanto dava.

E quando sua idade alcançou 50 e mais 20... — como o senhor dizia — fiz-lhe um bolo côr-de-rosa, com 70 velinhas côr-de-rosa.

Encomendei no latoeiro um apagadorzinho, miniatura dêsses usados nas igrejas, que por sinal o conservo de lembrança, em cujo cabo amarrei uma fita ainda côr-de-rosa!

Com o acender das velinhas acenderam-se também os espíritos, e a festa alcançou o “clímax” da animação. Nessa hora, cada convidado o saudou com uma bonita frase da sua própria lavra ou, mesmo roubada de alguém... enquanto, com o apagador, extinguiu a chama de uma das velinhas.

Foi tal o sucesso, que, numa bela demonstração de afeto, até o pessoal da cozinha veio desejar-lhe “venturas mil” — como disse a pretíssima cozinheira.

Certa vez o Senhor veio a nossa casa, a fim de oferecer-nos o seu livro **Guairacá**, recém-editado. Livro notável, onde o Senhor tira do olvido e dá a conhecer aos nossos patrícios e ao Brasil inteiro as façanhas, quase lendárias, daquele índio admirável, que à frente de milhares de guerreiros, investe e destroça os castelhanos opressores do seu Povo, no vasto oeste guarapuavano.

Entregou-me o volume dizendo:

— Obrigado pela sua colaboração, comadre.



— Colaboração? Que colaboração?...

— Ué... E os mingaus engrossados com “pó de arroz Coty”, com que há anos a senhora me vem obsequiando, por acaso não me têm ajudado a escrever? Claro que tem!

Achei graça e prometi:

— Então continue escrevendo, que lhe garanto a “colaboração”!

Logo nos primeiros anos de casada, ao regressar eu de Rio Negro após haver lá deixado Papai para sempre, o Senhor me recebeu apenas com duas palavras — minha filha! — mas que soaram aos meus ouvidos como o mais suave, o mais doce dos poemas, e me fizeram pensar na veracidade da frase: “Quando Deus nos fecha uma porta, abre-nos uma janela!” E através dos anos, apesar do tratamento cerimonioso — comadre, a senhora — que me dispensava, o Senhor sempre me demonstrou afeição quase igual a que demonstrava aos seus próprios filhos.

Por motivo de saúde, durante alguns anos obrigaram-no a fugir do rigor dos invernos de